

**MEMÓRIA, HISTÓRIA E SOCIEDADE:  
ELEMENTOS CONSTRUTIVOS NA NARRATIVA  
DE JOSÉ LINS DO REGO NO ROMANCE FOGO MORTO**

*Gleide Conceição de Jesus* (UEFS)

[meninadasletra.uefs@hotmail.com](mailto:meninadasletra.uefs@hotmail.com)

*Maria Fernanda Arcanjo de Almeida* (UEFS)

[nandaarcanjo8@gmail.com](mailto:nandaarcanjo8@gmail.com)

### **1. Introdução**

*Fogo Morto* (1943) foi o décimo romance e é considerada a obra-prima de José Lins do Rego (1901-1957). Romance de aspecto realista expõe o processo de transformações social passadas no Nordeste brasileiro, num período desde o Segundo Reinado até as primeiras décadas do século XX. Na verdade, apesar de sua composição literária sólida, *Fogo Morto* é um documento sociológico, que retrata o Nordeste e a oligarquia formada pelos senhores de engenho, ameaçada com a chegada do capital oriundo da industrialização. São engenhos de “fogo morto”, onde decaí o patriarcalismo com suas tragédias humanas. O romance é a expressão de uma cultura, pois retrata o mundo da casa grande e o mundo da senzala com as consequências sociais do relacionamento de um com o outro.

Nesta narrativa o autor busca mostrar todas as intempéries vividas pelos nordestinos, José Lins do Rego manifesta a tendência regionalista de nossa literatura e de nossa ficção entre 1930 e 1945, configurando a situação política, econômica e social do Brasil. As oligarquias açucareiras são reprimidas pelas oligarquias cafeeiras, revelando um sistema político apoiado em acordos de interesses, cultivados por Estados que se sustentam nos coronéis dos municípios, romance de caráter histórico e memorialista são registrados nas palavras de Lins do Rego um dos mais importantes processos políticos sociais engendrados pela sociedade brasileira. O autor discute a inadequação das pessoas com a realidade resultante do enfraquecimento do escravismo nos engenhos nordestinos, no início das primeiras décadas do século XX. O romance conta a história de um poderoso engenho, – o Santa Fé. Desde seu surgimento até o declinar, momento em que se transforma em "fogo morto", expressão nordestina para designar os engenhos inativos. Ativando o espírito de observação realista, o autor produz um esmiuçado levantamento da vida social e psicológica dos engenhos da Paraíba. Em nome da afeição ao cotidiano da

região, Fogo Morto apresenta não apenas valor estético, mas também interesse documental.

Originário de um clã de senhores de engenho (era neto do coronel José Paulino, ilustríssimo latifundiário na Paraíba), Rego soube conciliar as suas vivências de infante de engenho e de adolescente a sua admirável aptidão para narrar histórias, numa linguagem líquida, solta, livre e popular. José Lins do Rego nasceu no engenho Corredor, em Pilar (Paraíba), no dia 3 de junho de 1901. Foi criado no engenho de seu avô materno, uma vez que seu pai em sua infância contou com a ausência paterna, e era órfão de mãe. Podemos ainda observar nas diretrizes do romance *Fogo Morto* o compromisso regionalista de José Lins do Rego, sobretudo de âmbito popular, e é justamente a linguagem popular da Paraíba, isolada de influências exteriores, mantida em sua autenticidade regional, que o escritor prisma por utilizar. É a linguagem dos vates populares, disseminada, agora, com uma cadência narrativa mais clássica.

## **2. Uma breve reflexão sobre o romance**

O romance se divide em três partes marcadas pelas personagens: Mestre José Amaro, homem branco e sente de assim ser. Conformado com sua condição de vida é oprimido e explorado por seu patrão, resigna-se, pois não tem alternativa. Trabalhador livre é corajoso, por sua bravura é apoiado pelos cangaceiros; Luís César de Holanda Chacon, conhecido como “Seu Lula”: pessoa apreciadora da ociosidade, entretanto autoritário, por abominar o trabalho acaba perdendo toda a herança que recebeu e arruína o Engenho Santa Fé. Diante desse feito, refugia-se na religião.

Destarte, observam-se as diretrizes no romance *Fogo Morto*: o ritmo fraseológico recriado, antiga tradição dos contadores de histórias, que foram os únicos artistas populares do Nordeste. Os romances do período da cana-de-açúcar são alguns de cunho memorialistas, a saber, *Fogo Morto*. Essas memórias aprofundam-se com mais intensidades no linguajar dos cantadores nordestinos, é sobre essa literatura oral que José Lins do Rego retira os traços mais acentuados. A respeito da linguagem usada pelo escritor, Bosi (1976, p. 448-449) diz:

[...] o romancista soube fundir numa linguagem de forte e poética oralidade, as recordações da infância e a adolescência com o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais de homens e mulheres que representam a gama étnica e social da região.

Embasado nas canções populares Lins do Rego bebeu numa fonte inesgotável enriquecendo a sua narrativa, fonte esta que prima pela conservação da história de um povo, narração alicerçada em cantos memorialistas, a este posicionamento Bosi (1976, p. 450) ressalta que “À força de carregar para o romance o fluxo da memória (...) aprofundou a tensão eu/realidade [...]”. Vale salientar que ao usar da memória para a construção de sua narrativa Lins Rego dá ênfase a um dos elementos mais importantes que asseguram o caráter social que é a linguagem seja ela individual ou coletiva.

### **3. A história e a memória subsídios construtivos fundamentais na narrativa de José Lins do Rego**

Envolto no turbilhão evolutivo que estava passando a sociedade brasileira, é desvelando as suas mazelas, sendo exposto um Brasil doente, com fome, camuflado sob uma capa de “civilizado”. Brotam as dificuldades mais extremas: a baixa condição de vida, o banditismo, o preconceito, uma população sobrepajada por uma classe minoritária, segundo Le Goff (1990, p. 13) “[...] Falar de história não é fácil, mas estas dificuldades de linguagem introduzem-nos no próprio âmago das ambiguidades da história [...]”. Esse tipo de regionalismo crítico passar a existir também nas obras de autores como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz.

O tema principal de *Fogo Morto* é o desajuste das pessoas com a realidade resultante do declínio do escravismo nos engenhos nordestinos, nas primeiras décadas do século XX. A narrativa gira em torno de três personagens empolgantes, que são as três mais fortes personagens da sua concepção ficcional. São elas: o mestre José Amaro, o artesão, o major Luís César de Holanda Chacon, o senhor de engenho decadente, e o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, que é, sem dúvida, a maior personagem do livro e de todos os romances de José Lins do Rego.

A respeito da memória é importante evidenciar que sempre povoou o fantasioso coletivo da humanidade e serviu de inspiração para a produção emblemática de povos de vários lugares, em várias épocas Le Goff (1990, p. 423) ressalta que “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Ainda hoje, é possível ver resquícios de características da memória, ou ela pró-

pria sendo tematizada em produtos culturais, tais como filmes e livros, o que pode desembocar em uma série de inferências sobre seu papel na vida habitual, esta é presente a todo momento na narrativa ficcional de Lins do Rego.

A memória foi e é de usufruto para alicerce na luta pelo poder, querela esta de cunho classista onde a minoria afortunada buscava subjugar uma maioria despojada de recursos financeiro e às vezes intelectual. A memória coletiva busca guardar a identidade de um povo que tem em seu ínterim uma memória individual, ou seja, a memória coletiva é edificada a partir da memória individual, a singularidade de cada ser constitui a coletividade de uma nação, e a narrativa de José Lins do Rego traz essas características em sua constituição, baseia-se numa situação coletiva de um povo para contar a saga de cada sertanejo que enfrentou as agruras do patriarcalismo.

A relação história e memória está diretamente ligada a seu lugar de pertença, pois, as histórias reconstituídas a partir da memorização tem em seu âmago os registros dos lugares onde ocorrem os fatos narrados, estes lugares são de suma importância para a construção de uma narrativa das memórias individuais e coletivas, porém, vale lembrar que o espaço físico-geográfico de origem desses registros não é determinante para a existência dessas narrativas, pois, se assim fosse os povos nômades seriam seres sem uma memória histórica construída.

O artifício de conservação da memória histórica é de grande relevância no que concerne na preservação do registro de surgimento, permanência e/ ou extinção de um povo, este processo de perpetuação memorialista abrangem vários âmbitos da construção da civilização humana, isto se torna evidente nas palavras de Le Goff (1990, p. 475)

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

As memórias individuais e coletivas se completam e entrecruzam e ligam-se diretamente com a memória histórica, trazem dados acentuados para os sujeitos e têm por finalidade primária cobrir a harmonia do grupo e o sentimento de pertinência entre seus componentes, tem na lin-

guagem seu aporte mais seguro, entretanto não essencialmente específico de escambo, enquanto a memória histórica tem como subsídio a escrita, ou seja, documentação como artifício de conservação de sua existência. Segundo Dubois (1993, p. 278) “[...] é a ciência histórica que tem por objeto o conhecimento das civilizações passadas através dos documentos escritos que elas nos deixaram: estes nos permitem compreender e explicar as sociedades antigas [...]”. Assim, Queiroz (2007, p. 23) diz que a “[...] a cultura escrita permite ao indivíduo o desenvolvimento de suas potencialidades, tanto no campo pessoal quanto social”.

#### **4. Considerações finais**

Como pudemos demonstrar nos limites propostos para este trabalho, a composição da narrativa de José Lins do Rego é cunho histórico memorialista tratando dos conflitos do homem do sertão que buscava seu espaço na sociedade, já que o mesmo provinha de situação desfavorável, vítima das questões políticas, sociais e econômicas, pois, a indústria açucareira começa a declinar. O autor em questão relata em sua escrita minuciosa a submissão do sertanejo ao latifundiário, a ignorância e as mazelas políticas da região do nordeste do Brasil, tratando de forma peculiar os problemas engendrados por nossa sociedade dando ênfase a valorização da cultura nordestina, tendo a mesma como fonte de conservação da história deste povo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad.: Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. Direção e coordenação geral da tradução por Prof. Dr. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad.: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IZQUIERDO, I. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.